

Aliado na *Esquerda Presidencial* contramao

Tão certa como a mudança de estações, as cobranças na frente da esquerda, com a clássica troca de críticas entre aliados que se hostilizam com a virulência de inimigos íntimos, pipocaram mais cedo do que se esperava – como se a primavera, enlouquecida pelo El Niño, atropelasse o inverno, explodindo em flores nesse começo de agosto.

O primeiro pronunciamento público de condenação ao novo modelo de campanha do Lula foi vocalizado pelo gogó de Gilmar Mauro, representante qualificado do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), envolto nas cautelas de quem rompe o silêncio tático para firmar posição no acerto de contas, na hora própria.

Gilmar sabe o que o diz e por que fala. Trata-se de dirigente tarimbado, com todas as manhas aprendidas nas tarefas do proselitismo. Dosa as palavras para pingar as gotas certas da advertência, no tom de quem avisa, amigo é. “Nós não brigamos com o PT. Brigamos com o PT *light*” – notifica o discordante, separando o joio do petismo moderado do trigo da turma radical.

Mas, para que as coisas não fiquem confusas, dissipa o nevoeiro e chama alguns dos bovinos pelos apelidos: a cúpula da campanha de Lula não está sabendo “marcar as diferenças” que distinguem a esquerda da geléia neo-liberal direitista que luta pela reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. “Os programas de governo – observa, com inquestionável argúcia – estão cada vez mais parecidos e, entre o verdadeiro e o falso, o eleitor vai escolher o verdadeiro.”

Está coberto de razão. Só que o seu cobertor é curto: tampa os fundilhos e deixa à mostra a cuca esperta, policiada pela responsabilidade de parceiro que não recusa a solidariedade.

Antes de mais nada, registre-se que a crítica do Gilmar só atravessou a linha da conveniência porque as últimas pesquisas favorecem o candidato a dobrar o mandato, alçando-o, neste flagrante de véspera do horário eleitoral, à condição de favorito. Na oscilação da gangorra de eleição claramente bipolarizada, Lula escorrega no sabão dos índices até sua marca histórica de 20% a 25%. Ora, campanha em que falta o voto ou a esperança é como na casa de panelas vazias: todos gritam e todos têm razão.

A gritaria não começou: anuncia-se nas precauções do MST. Mas, o primeiro dissidente levou sua habilidade longe demais e distribuiu carapuças a um vago PT *light*, contornando o alvo direto de sua divergência.

Ora, a campanha do PT foi amaciada por imposição do candidato. Foi Lula quem bateu pé, exigindo para aceitar a sua terceira candidatura, a flexível linha política das alianças. O recorte frentista impõe, necessariamente, o abrandamento do radicalismo, limar arestas da ortodoxia sem agredir a coerência nem renegar convicções. Ele absorveu a lição de duas derrotas, fez as contas, corrigiu equívocos e buscou ampliar o leque dos apoios. Até aqui, reconheça-se, com modestos resultados. As conversas com uma das bandas do saudoso PMDB giram em círculo e não chegaram a lugar nenhum.

Encruada, sem recursos para as despesas essenciais, a campanha de Lula está sendo castigada pela apatia do eleitorado, mais desinteressado do que nunca. Todos os dias, um índice novo confere o desligamento do eleitor: 51% juram que, se o voto fosse facultativo, passariam ao largo das urnas eletrônicas em 4 de outubro.

E não é porque Lula economize críticas ao governo e ao candidato favorito. Ao contrário, o petista eleva o tom à medida que o tempo encurta e espreme o desespero. O que Lula e o PT não encontraram foi o mote que defina o contraditório. A frase exata, incisiva, que vira *slogan*, cai no gosto popular e marque a diferença entre as duas propostas dos favoritos.

Se ficou parecido com Fernando Henrique, o príncipe também envergou a espinha na guinada para a esquerda. E os dois se encontram nas brumas da campanha de despistes, no bis sem graça, insosso, de uma chatice que antecipa o que vem por aí, a partir do dia 18, no horário eleitoral.

Se algum otimista espera novidade, trate de recolher a montaria, livrando-a do chuveiro da decepção.

Vamos testar a experiência de votar a frio, sem paixão. O voto-geladeira.